

**Literatura, transformação e realidade: uma construção a partir de trajetos que se entrecruzam**

**Literature, transformation and reality: a construction from paths that intersect**

**Literatura, transformación y realidad: una construcción a partir de caminos que se cruzan**

Débora Sara Ferreira<sup>1</sup>

Eliane Aparecida Bacocina<sup>2</sup>

Lara Jatkoske Lazo<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta a literatura como método e instrumento de transformação e conhecimento. Visa refletir sobre a literatura não apenas como elemento ficcional, mas intrínseco à realidade e, potencialmente, transformador. Três pesquisadoras que envolvem a literatura em suas pesquisas apresentam inquietações, descobertas e desafios que partem de seus trajetos construídos de pesquisas de pós-graduação e que se entrecruzaram em um grupo de pesquisa do qual caminham, lado a lado, e se ampliam das partilhas que realizaram ao longo dos seus processos. Apresentam um texto teórico-poético em forma de ensaio, que busca responder a questões que dizem respeito à potência da literatura e à transformação de realidades a partir de um livro que se abre e um verso ou conto que se escreve.

**Palavras-chave:** Literatura; Transformação; Realidade.

**Abstract:** This article presents literature as a method and instrument of transformation and knowledge. It aims to reflect on literature not just as fictional element, but intrinsic to reality and potentially transformative. Three researches who involve literature in their research present concerns, discoveries and challenges that arise from their paths constructed from postgraduate research and that intertwined in a research group, in which they walk side by side and expanded their sharing that they carried out throughout their processes. The researchers present a theoretical-poetic text in the form of an essay, which seeks to answer questions that concern the potency of literature and the transformation of realities based on a book that is opened and a verse or story that is written.

**Keywords:** Literature; Transformation; Reality.

**Resumen:** Este artículo presenta la literatura como método e instrumento de transformación y conocimiento. Pretende reflexionar sobre la literatura no sólo como elemento ficticio, sino intrínseco a la realidad y, potencialmente, transformador. Tres investigadores que involucran la literatura en sus investigaciones presentan inquietudes, descubrimientos y desafíos que surgen de sus caminos construidos a través de investigaciones de posgrado y que se entrelazan en un grupo de investigación, en el que caminan, uno al lado del otro, y amplían los intercambios realizados a lo largo de sus procesos. Presentan un texto teórico-poético en forma de ensayo, que busca responder preguntas que atañen al poder de la literatura y la transformación de las realidades a partir de un libro que se abre y un verso o cuento que se escribe.

**Palabras clave:** Literatura; Transformación; Realidad.

---

<sup>1</sup> Unesp, Instituto de Biociências, Rio Claro-SP.

<sup>2</sup> IFSP câmpus Salto, SP

<sup>3</sup> Unesp, Instituto de Biociências, Rio Claro-SP

## **Movimentos e rupturas: questões iniciais**

O que nos move?

Esta indagação perpassou os nossos devaneios cartográficos para a escrita desse texto.

Somos três pesquisadoras, amigas e companheiras de pesquisa, a partir da convivência e partilhas realizadas no Grupo de Pesquisa Laboratório Escriarte, da Linha de Pesquisa Linguagem – Experiência – Memória – Formação, do Programa de Pós-graduação em Educação da UNESP – câmpus de Rio Claro.

Rememorar os nossos trajetos de vida e na educação é um exercício de encontro com as nossas histórias. Podemos nomeá-las, também, como cartografias do passado. Certamente, o que nos movimenta é o olhar atento, político e ético para/na educação. Além do olhar: atuar conscientemente para a mudança, que começa em nós e se concretiza pela palavra. Uma porta que se abre à nossa frente: a literatura. Fonte inesgotável de vida, poesia, histórias, memórias, personagens. Nesse caminho, a literatura surge não apenas como um elemento ficcional, mas intrínseco à realidade e, potencialmente, transformador. Logo, cabe a indagação: qual a potência da literatura em sala de aula?

Objetivamos, neste texto, trazer a literatura como método e instrumento nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, nas oficinas realizadas com mulheres da Educação de Jovens e Adultos-EJA, bem como a partir da expressividade profissional e artística na rua. Refletimos sobre a literatura, não, apenas, enquanto um elemento ficcional, mas intrínseco à realidade e, potencialmente, transformador. Num primeiro momento, fazem-se necessárias algumas aproximações teóricas acerca das nossas composições cartográficas, a considerar que o método cartográfico (PASSOS; BARROS, 2020) é referência importante para tecermos reflexões sobre os nossos trajetos, que se entrecruzaram através da literatura e da amizade.

Atenhamo-nos, pois, à cartografia. O cartógrafo é uma espécie de antropófago; é aquele que busca compor suas cartografias, a partir de elementos que vão se (des/res)construindo no decorrer dos caminhos. Nessa direção, Sueli Rolnik (2007, p. 66) afirma que “O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorando. Está, sempre, a buscar elementos/alimentos para compor suas cartografias”. É possível compreender que, no método cartográfico, não se busca explicar/entender o que se propõe estudar, mas se busca por elementos e alimentos para compormos as nossas cartografias. A autora afirma que a cartografia é um mergulhar na geografia dos afetos. Geografias do humano.

Tendo um princípio extramoral como a expansão da vida, o cartógrafo não se baseia numa cartografia qualquer, orientada como mapa. A vida que se encontra, através de acontecimentos, é o que lhe interessa. Essa expansão da vida, que Rolnik (2007) aborda, é a possibilidade de tomar a cartografia não como um mapa qualquer, passível de ser desvendado, descoberto. O que se faz potência na cartografia é o quanto de vida se encontra nela, se potencializa, transvalora. Nesse caminho, Rolnik (2007, p. 68) afirma que a cartógrafa tem apenas uma regra “É uma espécie de *regra de ouro*. Ela dá elasticidade a seu critério e seu princípio: o cartógrafo sabe que é sempre em nome da vida, e de sua defesa, que se inventam estratégias, por mais estapafúrdias que sejam”. Nesse caminho, a cartógrafa sempre amplia seu olhar para a defesa da vida, para a criação e (re)invenção dos (des)caminhos cartográficos...

Convidamos, portanto, o leitor, a caminhar conosco pelos nossos trajetos e acompanhar as nossas rotas de viagem e pesquisa. Quem sabe, em algum ponto, suas rotas se entrelacem às nossas? Desejamos a todos uma excelente viagem!

### **Geografias femininas e literatura: nossos trajetos, nossas memórias**

Seguimos nosso trajeto, portanto, nos apresentando e às nossas pesquisas, às quais intitulamos Rotas.

Rota A: Chamo-me Débora Sara Fereira e atualmente sou professora em uma escola pública, bem como doutoranda em educação pela Unesp de Rio Claro. A literatura permeou todo o trajeto dos encontros poéticos que emergiram nas oficinas realizadas durante o meu mestrado e embasou a dissertação, intitulada *Ser ou tornar-se mulher: por entre a Educação de Jovens e Adultos-EJA, a vida, o narrar e o reinventar de si* (2019), nas quais realizamos as oficinas-poéticas com as mulheres estudantes de uma turma de 5º ano, correspondente ao Ensino Fundamental I, de uma escola pública na cidade de Rio Claro - SP. Nesse percurso, encontramos com Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus, mulheres que contaram e registraram suas histórias. As mulheres estudantes da EJA, ao lerem Clarice e Carolina, poetizaram a vida ao trazerem suas memórias, vivências e experiências. Histórias que, ao serem contadas, tornaram-se potentes para a reflexão acerca da própria condição. A educação aparece neste trabalho como a possibilidade da emancipação do pensamento através das oficinas de leitura.

Rota B: Chamo-me Eliane Aparecida Bacocina e sou professora no IFSP câmpus Salto. Em minha tese de Doutorado, intitulada “Ler, escrever e compartilhar poesia: práticas (DES)

territorializadas, políticas, coletivas” (BACOCINA, 2017), a literatura aparece a partir do diálogo com poetas que se intitulam “marginais periféricos” e da produção / criação de poemas que questionam a estrutura social. Os poetas tratam de temas relacionados à favela, à escrita de protesto, ao mesmo tempo que possuem uma delicadeza e uma poética relacionada ao cotidiano. O grupo se nomeia “Sarau das Ostras”, com a utilização da ostra como metáfora: assim como a ostra produz a pérola em seus momentos de dificuldade, os poetas criam a partir de suas intempéries e desafios cotidianos. A educação está presente na forma como pesquisadora e protagonistas iniciaram seu contato: a partir da experiência como professora e com alunos em um curso superior de Pedagogia. Trata-se de uma concepção de educação de forma ampla, que enxerga o ser humano integral, inserido num contexto social e cultural. Os poemas produzidos buscam levar as pessoas à sua volta, a ampliarem a visão de poesia, não apenas como algo voltado à elite, como muitas vezes o sistema escolar apresenta, mas, sim, como algo que pode ser produzido por todos, a partir de suas experiências e vivências.

Rota C: Chamo-me Lara Jatkoske Lazo e sou professora de Língua Portuguesa em uma escola pública agrícola de formação integral em uma cidade do interior de São Paulo. Na minha pesquisa em andamento, cujo título é *Diário de uma professora: implicações estéticas da docência na formação do leitor/auto*, a literatura é instrumento e método de constituição do estilo da escrita da tese, do direcionamento da metodologia em sala de aula e da construção das reflexões na análise dos dados e do contexto de ensino / aprendizagem. A escrita da tese é uma paráfrase formal da obra de Dostoiévski *Diário de um escritor (1873): minha carta de um sujeito* (2016<sup>4</sup>). Pela estética da obra do escritor russo, observações, reflexões e trabalhos se deram na sala de aula, e palavras suas (como de outros autores) tornaram-se meios e método de elaboração das aulas e das atividades didáticas. A literatura movimentou a minha atenção e levou a modificações e reformulações metodológicas.

Nos três trabalhos, a literatura surge como percurso de vida e de trabalho e pesquisa, em uma união arquitetônica de arte, ficção, ciência, práticas sociais e movimentação criativa.

Nos subitens a seguir, três relatos da literatura como vida, como arte e como trabalho são tecidos com os fios da experiência na educação.

Cada uma de nós, com sua rota. Três pesquisadoras. Três rotas. Rotas que se delineiam, cada uma de sua forma e, em alguns momentos, se entrecruzam, a partir de ideias, práticas, devaneios, leituras, escrituras, desenhos, mapas, imagens diversas...

---

<sup>4</sup> *Diário de um escritor (1873): minha carta de um sujeito* (2016) de Dostoiévski trata-se de uma coletânea de ensaios, crônicas e contos. A versão em português é da editora Hedra. A coletânea de 1873 da versão em português se constitui de textos que foram escritos para a coluna da revista *O Cidadão*, como consta na própria edição.

## Cartografias literárias de si - rotas, trajetos, partilhas...

Cada uma das nossas rotas, aqui apresentadas, seguiu trajetos literários, traçados ao longo de nossas caminhadas de pesquisa. Nesta seção, apresentamos um pouco de cada uma delas, em forma cartográfica, a partir de palavras, imagens, pensamentos...

### Rota A - caminhando com Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus: devaneios femininos

A minha rota literária iniciou-se com o conto intitulado *Uma galinha*<sup>5</sup> de Clarice Lispector, após nos encontramos com Carolina Maria de Jesus, em sua obra intitulada *Quarto de Despejo*<sup>6</sup>. Além da rota literária, saliento que, nessa época, eu fazia o percurso entre as cidades de Limeira e Rio Claro, no estado de São Paulo. Rotas que mudaram o meu olhar para a minha própria condição enquanto mulher.

Por meio da escrita potente das duas autoras acima mencionadas, foi possível rememorar vida e poesia, bem como refletirmos sobre a nossa condição. Nessas rodas de leitura, as mulheres estudantes e eu partilhamos nossas histórias e memórias sobre a vida. Foi desafiador estar naquele espaço com aquelas mulheres. Certamente meu olhar, enquanto mulher, pesquisadora e professora, modificou-se, e me tornei mais atenta, sensível e militante no que concerne à temática das mulheres. Segue, abaixo, alguns trechos das narrativas das mulheres participantes do estudo que, ao se encontrarem com Clarice e Carolina, partilharam as suas histórias e memórias. O conto intitulado *Uma Galinha* de Clarice Lispector foi disparador das reflexões acerca da própria condição. Num primeiro momento, foi realizada a leitura coletiva do conto, em que as participantes receberam um trecho do texto que estava numerado, para facilitar a leitura. Ao terminarmos o conto, Franciele, mais que depressa, manifestou-se:

*Estou escrevendo uma história para o professor de português, e eu estou escrevendo a história da minha mãe, pensando a vida da minha mãe, que aconteceu na vida da minha mãe. Minha mãe, até de facão ele (referindo-se ao ex-marido de sua mãe) batia na minha mãe. A minha mãe tinha marca nas costas dela, atrás, de facão, ela mostrava pra nós. Quando ele tinha raiva dela, sabe aqueles facão? Não era facão, era podão, que falava aquela época, aquele mais largo assim, né? Porque era assim: na época ela casou com ele,*

<sup>5</sup> In: **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 30-33.

<sup>6</sup> **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

*tinha treze anos. E aí só foi tendo filho, filho, filho... Ela teve onze filhos com ele. E ele era assim: ele saía para as farras, ele era cantador de viola, ele ia, fazia as cantorias dele, lá ele arrumava duas, três muié, ficava com elas e quando enjoava, voltava pra dentro de casa. A minha mãe era obrigada a aceitar, se ela não aceitasse, ela apanhava, ele batia nela! E assim foi, até ela inteirar os onze filhos; quando ela inteirou os onze filhos, que ela viu que a situação dela estava muito difícil: ela perdeu dois casal de gêmeos, de fome, porque ele não trazia comida pra dentro de casa, dava para as outras mulheres, mas não dava pra eles, né? Aí o que ela fazia? Para não ter mais filho, que não tomava remédio naquela época nada, né?; aí era assim: eles dormiam em rede, lá no Ceará a maioria não tem cama, é só na cidade, você vai na roça, lá é tudo rede. Aí o que ela fazia: quando era dia, que os meninos falavam assim: ‘mamãe, eu vi papai na cidade’; aí, o que ela fazia: ela catava todas as redes dos filhos dela, colocava tudo dentro das bacia com água e colocava tudo os menino pra dormir com ela, pra ele não dormir com ela. Para ela não poder ter mais filho (FRANCIELE, 2018).*

Certamente, a literatura nessa oficina, com essa temática, fez com que as mulheres participantes pudessem rememorar suas histórias, num movimento contínuo de vida e poesia. Após o momento em que Franciele compartilhou sua história, indaguei às educandas: saberia a mulher, naquela época, lidar com a própria liberdade? Franciele respondeu:

*Eu acho que não, ela está tão acostumada com aquilo, tipo: quando a gente fica muito presa a uma coisa e fala assim: ‘que a gente não consegue!’ Eu, por exemplo, meu filho fica brigando comigo: ‘mãe, vc tem de resolver a vida da senhora!’ Mas é que eu não tenho o costume, tudo era meu marido que fazia. E como que a mulher faz? Aí, agora, de pouquinho em pouquinho, que a gente vai pegando, lá atrás (referindo-se ao passado), era também desse jeito elas não dariam conta! Porque elas não tinham nem pra onde ir, não sabiam nem o caminho que tinham de tomar para começar a vida delas (FRANCIELE, 2018).*

Nessa direção, é possível refletir sobre a relevância da literatura em sala de aula. Como proposta de ensino, a literatura pode movimentar o conhecimento na escola. Nessa rota literária, refletimos sobre a condição da mulher, mas outras temáticas podem ser elencadas numa situação didática. Atenhamo-nos, pois, a alguns trechos da rota literária com Carolina Maria de Jesus. Nessa oficina, separei alguns trechos do diário de Carolina para que as educandas pudessem ler.

Num segundo momento, após a leitura dos trechos, indaguei às educandas sobre as impressões que elas tiveram acerca da vida de Carolina. Franciele, mais que depressa, se manifestou: “*Eu acho que em partes, ruins, e em partes, não muito ruins*”. Jhenifer complementou: “*Não, na parte do jeito que ela vive é horrível, mas o fato que ela falou que era*

*melhor ser solteira do que mal acompanhada*" (JHENIFER, 2018). Franciele, prontamente, disse:

*Ela comenta que as outras mulher era escrava dos marido e ela não era escrava, pelo menos isso ela não era. Ela era dona de si, mandava em si, era sofrida a vida dela, porque tinha os filhos e tinha que manter os filhos dela, mas ela não era escrava de marido! Ela podia viver a vida dela sossegada* (FRANCIELE, relato de pesquisa, 2018).

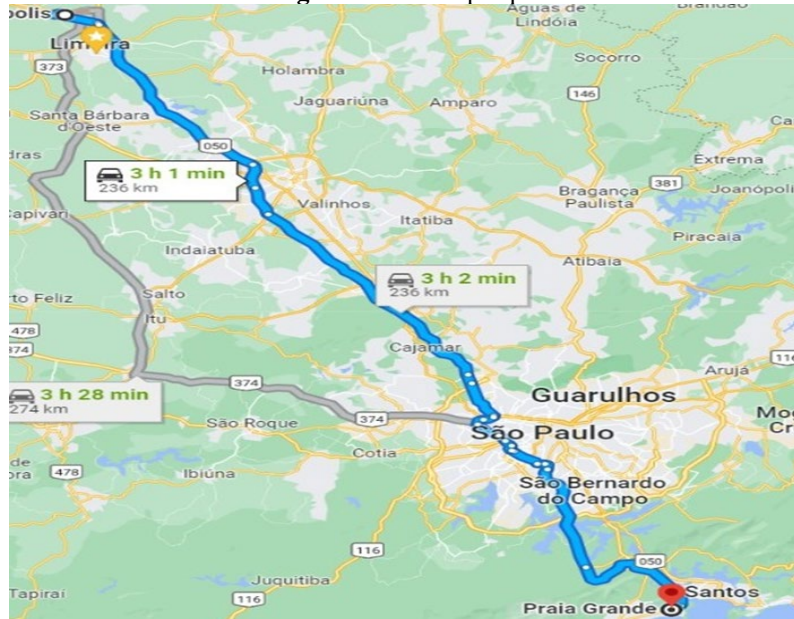
Ao nos depararmos com uma obra tão complexa e viva como a de Carolina, é impossível não trazer nossas afetações e transbordamentos para o debate. Valorizar essa vivacidade em sala de aula faz-se preponderante, pois cada educando e educanda tem uma história, uma família e sua leitura de mundo. Diante disso, cabe a indagação: como valorizar esse conhecimento de mundo em sala de aula? A literatura torna-se ponte para o diálogo emancipador em sala de aula, ao rememorarmos nossa vida e ao partilharmos nossas experiências a partir do texto lido. Nesse caminho, Larrosa (2003) afirma que o encontro com a leitura não é a busca pelo que o texto sabe, mas pelo que, a partir dele, nós somos capazes de pensar. Logo, ao nos encontrarmos com os textos de Clarice e Carolina, aprendemos sobre o novo e partilhamos conhecimento, em um movimento de reflexão acerca da própria vida, com recorte para a temática das mulheres.

A rota literária que se fez feminina nesta pesquisa, transformou meu olhar como mulher, professora, pesquisadora e militante. E continuo na busca por outras formas de ensinar e aprender, enquanto professora, que possam emancipar, ou seja, apontar caminhos para o novo e o desconhecido.

### **Rota B – por entre margens de rios, cidades e livros: encontros entre poetas**

O trajeto de pesquisa trilhado possui uma dimensão espacial, de modo que o meu caminho seguia, semanalmente, do interior de São Paulo ao litoral sul do estado, trajeto percorrido de ônibus, inicialmente, para atuar como professora em um curso superior de Pedagogia e, posteriormente, para encontrar os poetas, antes alunos e agora amigos: Ludimar, Nego Panda, Fernandes RO3P e Abel.

Imagem 1: Rota de pesquisa



Fonte: Google Maps

Passava pelas margens de muitos rios e bairros de diversas cidades, assim como pelos poetas marginais que habitavam as periferias da cidade, para compor seus poemas, muitos deles registrados em livros, cujas margens das páginas ocultam sonhos e uma diversidade de ideias, pensamentos e sentimentos. Ao final, chegava ao mar, cujas ondas, assim como a descrita por Palomar (CALVINO, 1994), não podem ser capturadas, apenas sentidas e observadas, com mudanças a cada instante. A partir dessa “poética do espaço”, tanto os textos lidos para a pesquisa quanto os versos produzidos pelos poetas se compõem por autores, cujos olhares dialogam, mesmo estando, muitas vezes, em tempos e espaços diversos. O que une esses autores? Certamente, um fio ou rodovia que se assemelha, ora às estradas percorridas, ora aos rios que desembocam no mar, ora às ondas das praias do litoral sul paulista e seus calçadões de acesso, que, na maior parte das vezes, acolhe os poetas em suas apresentações dinâmicas e inusitadas. Construir uma pesquisa envolvida nesse contexto, certamente, foi desafiador, de forma que o próprio texto da tese se tornou movediço e muito diferenciado, se comparado à escrita acadêmica esperada para um texto dessa natureza. Pode-se dizer que quem mais se transformou, no decorrer desse processo, sem dúvida, fui eu, pois, dentre outros aspectos, descobri-me poeta e me permiti criar e dançar com as palavras, assim como os poetas amigos com os quais realizei meu processo de interlocução.

A literatura, em minha pesquisa, foi se constituindo ao longo da própria escrita, inspirada pelos livros e produções publicadas dos poetas protagonistas (FERNANDES OLIVEIRA, 2011; MOLINA, 2011a, 2011b, 2014; NP, 2011; RO3P, 2013) a partir da análise

de elementos que eles traziam em seus poemas. Um exemplo que ficou bem-marcado foi a metáfora contida no verso “O barato é louco”, que aparece de forma intertextual nos poemas de alguns deles. Segue abaixo um trecho de uma de nossas “conversas poéticas”:

*Nego Panda: Essa questão do barato é louco. O Barato é Louco é uma letra do grupo de meu rap, o Ruídos Negros. Eu fiz a letra, eu uso pra recitar, mas surgiu com a ideia de letra. O Pelé fez outra parte da letra. Quando a gente começou com o sarau, a gente levou pra recitar, aí quando eu levei pra recitar, o Pelé já pegou o gancho.*

*O Sarau tem uma característica bem legal, que ninguém espera o outro. Olha, depois que chamar fulano, ciclano recita. Não... A gente só toma cuidado porque se um começou falar, deixa ele falar. Então a gente fica sempre um olhando pro outro. Eu terminei de recitar O barato é louco, o Pelé já entrou recitando, então virou uma característica. Aí a Dona Ludimar gostou da ideia...*

*Ludimar: E aí eu disse que se o barato é louco desse barato eu quero um pouco.*

*Nego Panda: Eu quero ta junto aí também, fazer parte porque vocês fazem isso. Foi quando a dona Ludimar entrou também. A gente quer falar que o mundo ta louco. O mundo ta um caos. A sociedade ta vivendo em estado de calamidade. Então a ideia da letra é essa. Falta amor no ser humano, então o barato ta louco. O pessoal ta se matando por besteira, agride o outro por causa de 2 reais, o outro mata porque olhou torto, esbarrou no outro, o outro vai lá e dá uma facada. Então, o barato é louco.*

*Ludimar: Além disso, o meu barato é louco é assim, o barato é participar. O barato é mostrar que tem muita coisa errada. O barato é louco porque eu tenho que ta dentro desse contexto desse barato, pra mostrar que eu não quero ser mais um, quero atravessar a rua. Vamos mexer nesse barato (Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, realizado em 08/06/2013).*

Esse diálogo aponta alguns elementos da literatura enquanto método de pesquisa, tais como a fluidez entre as ideias e entre os diferentes atores do processo, que remete ao fluir do rio, ao papel político de denúncia social e de questionamento sobre a realidade, bem como ao “querer fazer parte”, no sentido de partilhar da palavra escrita e do devir criativo, que atribui novos significados àquilo que se lê.

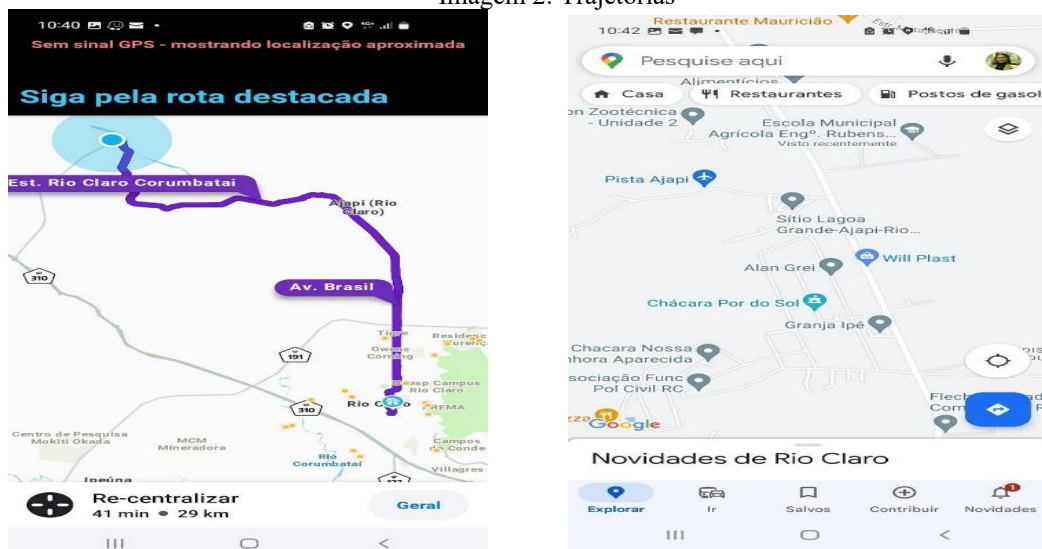
Para mim, fazer pesquisa com literatura tem a ver com a criação, com a estética da vida e com esse partilhar que, a cada dia, se expande e transborda aquilo que nossas percepções tinham como limites. Trata-se de um espaço movediço, repleto de afeto e amizade.

## Rota C - geografia e percurso de linguagem...

Nas três rotas aqui apresentadas, a literatura faz parte dos nossos trajetos de vida enquanto professoras, a tornar a palavra viva nas práticas docentes.

No meu caso, a rota passou por práticas de desenho, cujo estilo era determinado por leituras que eu fazia; a partir disso, passou a ser ideia, também, como instrumento e *método literário* de condução das minhas aulas. A rota do meu percurso passou pela leitura de clássicos literários desde a infância e por leituras e diálogos de filosofia grega, sendo que *Crime e Castigo*<sup>7</sup>, de Dostoiévski, que li na adolescência, por influência dos comentários da minha mãe sobre ele, marcou-me de tal maneira, que o autor passou a ser uma leitura essencial para mim, além de ser o motivo de muitas reflexões em minha vida de ser humano, de mulher, de docente, de bailarina... Geograficamente, da minha casa e da academia de balé, em Rio Claro, ou da casa de meus pais, atualmente, em Corumbataí, até a Escola Agrícola, e vice-versa, há um percurso de nascer e pôr do sol, de trânsito de carros, bicicletas, motos, carroças, paisagens de morro, paisagens de casas, de sítios, girassóis e pássaros, que inspiram o meu dia a dia. Outros livros da literatura, também, foram marcantes em meu percurso, mas o de Dostoiévski se destacou.

Imagem 2: Trajetórias



Fonte: Google Maps.

<sup>7</sup> DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. Rio de Janeiro: Otto Pierre, Editores, 1980. Tomos I e II (Os Grandes Clássicos).

Meus desenhos, cujo estilo foi direcionado pela leitura de livros:

**Imagem 3:** Desenhos de Inspiração Literária



Fonte: autoria de Lara Jatkoske Lazo.

Nesses quatro desenhos (dois inacabados) que formam um conjunto, o estilo foi direcionado por elementos estéticos, culturais e temáticos de contos e fábulas orientais, principalmente, do Egito Antigo, além do livro *Princesa Sultana*, de Jean Sasson<sup>8</sup>, que é o relato de uma princesa árabe sobre a opressão masculina às mulheres, e, ainda, *Uma criatura dócil*<sup>9</sup> de Dostoiévski. Outro tema que se misturou é a união entre natureza e ser humano nas pinturas, linguagem, mitologias e lendas do Egito Antigo.

Da mesma forma, é possível direcionar os trabalhos em sala de aula.

Na narrativa, a seguir, dar-se-á a análise do discurso pela categoria *palavra*, no sentido de Volóchinov (2019, p. 234-265) e Bakhtin (2011): como enunciado vivo, ideológico e responsivo, histórica e socioculturalmente posicionado e responsivo.

Em aulas na sala de informática da escola, apaguei as luzes e, na TV, com a imagem estática, deixei que soasse a narrativa de três audiolivros disponíveis no *Youtube*: “Venha ver o

<sup>8</sup> SASSON, Jean P. *Princesa Sultana: sua vida, sua luta*. 6. ed., BestSeller: Rio de Janeiro, 2010.

<sup>9</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Uma criatura dócil*. Tradução e notas de Natália Petroff, São Paulo: Via Leitura, 2017.

pôr-do-sol”<sup>10</sup>, de Lygia Fagundes Telles, “A Árvore de Natal na casa de Cristo”<sup>11</sup>, de Dostoiévski, e “A cartomante”<sup>12</sup>, de Machado de Assis. Pedi aos alunos que se concentrassem e que imaginassem, vivamente, as cenas das narrativas. Os estudantes ficaram tranquilos: uns deitados, outros sentados, em silêncio. O tom de voz do narrador era firme e marcava, com clareza, os acentos, tons e silêncios, cativando e criando suspense. A minha expectativa era a de que gostassem mais dos contos de suspense e adultério, por conta do gosto que expressavam por filmes e leituras que envolvessem suspense, crimes, ação e romances.

Mas... “Era uma vez uma criança num porão” (DOSTOIÉVSKI) e era uma vez uma sala no escuro, com meninos a ouvirem um conto triste. À flor da pele, há estudantes que se transportaram a esse lugar imaginário e frio: o porão. Três elementos, a escuridão da sala somada à voz cativante do narrador e ao momento descontraído de ouvir a narrativa, criaram um percurso sensível de transporte do mundo real ao imaginário e vice-versa, a potencializar e tornar viva a prática de criação e visualização mental das cenas e dos elementos narrativos. Ao se projetar no espaço da leitura, a fantasia de vivenciar o universo da ficção se torna um fator lúdico e possibilitador da experimentação de uma realidade “virtual”, cujo objetivo não é a fuga da realidade concreta (WINNICOTT, 2019), mas a expansão do ambiente de vida e a prática da empatia do viver em outro “corpo”, o dos personagens, em outras possibilidades de experiência e personalidade. Trata-se de uma brincadeira de movimento de intercâmbio entre o mundo real e o da ficção, em que elementos já experienciados se reconhecem e se movimentam e articulam na produção de novos sentidos, ideias e reflexões.

Nos três contos, a sala se manteve escura e com uma voz narrativa cativante.

O “espaço da voz” (LAZO, 2018, p. 183-184) casou com o escuro, com o silêncio da classe, com a extensão e com o tom do conto, a criar impressões de realidade. Houve uma frequência de sintonia na combinação desses elementos linguísticos e extralinguísticos que fizeram com que os estudantes ficassem quietos e atentos nos áudios. O conto de Machado de Assis foi o mais longo e gerou cansaço, conversas e sono, até que prendeu a atenção no clímax e no desfecho. No conto de Lygia Fagundes Telles, alguns estudantes tentavam adivinhar o desfecho e, portanto, apostavam e riavam em alguns momentos. No conto de Dostoiévski, a

<sup>10</sup> CONTO UM CONTO. 17 fev. 2018. “Venha ver o pôr-do-sol” - Lygia Fagundes Telles. 17 fev. 2018. Disponível em: [https://youtu.be/V2\\_yrHfBc8I?si=TEeqJr\\_XvFkq01iT](https://youtu.be/V2_yrHfBc8I?si=TEeqJr_XvFkq01iT). Acesso em: 07 jun. 2018.

<sup>11</sup> CONTO UM CONTO. FÁVARO, Marcelo. 10 abr. 2018. Árvore de Natal na casa de Cristo - Fiódor Dostoiévski. 10 abr. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/s1CE8CmaxKA?si=IMZ6s1CNQ3La4K46>. Acesso em: 07 jun. 2018.

<sup>12</sup> LEITURA OUVIDA. 7 nov. 2015. A Cartomante (Machado de Assis). Disponível em: [https://youtu.be/Pn9\\_nu2RBKw?si=G1-G7BPfTxiij7g](https://youtu.be/Pn9_nu2RBKw?si=G1-G7BPfTxiij7g). Acesso em: 07 jun. 2018.

atenção e o silêncio eram totais. Os adolescentes estavam muito sérios. Pude ver a emoção lacrimejar nos olhos de alguns. Afinal, estavam no *porão*.

Contra a minha expectativa, o conto predileto foi o de Dostoiévski. A fala de uma aluna, que chorou o tempo todo, foi a mais detalhada. Segundo ela, o conto representava pessoas de sua vida e da cidade em que morava. Ela narrou que a sociedade não pensava nas pessoas que precisavam *comer*; que não pensava que tanta gente necessitava do mínimo para *sobreviver*. Como ela, outros alunos estavam emocionados e choravam. Ela disse que o conto era de *verdade*. Então discutimos sobre ficção e realidade e sobre como a verdade, nas duas instâncias, existia, quando nos transportávamos e viajavamos de um espaço a outro, pela força da imaginação, da inferência, da associação das ideias e da leitura com a experiência de vida e da empatia. É um conjunto de elementos que mescla a sensação de realidade e ficção na narrativa. Os estudantes ficaram interessados em mais contos do escritor russo, mas também queriam ler mais da Lygia Fagundes Telles, ao passo que, portanto, modifiquei os planejamentos seguintes (o que gerou interrupções em algumas atividades), para trabalhar com as palavras e os temas de interesse gerados pelos contos, principalmente, pelo de Dostoiévski, além de propor a leitura coletiva de outros contos do escritor russo.

Dos três contos, o do escritor russo foi o que gerou mais diálogos e discussões. A frequência do conto sintonizou-se com a da experiência de vida da turma. Mentalmente experimentaram o porão, o frio, a dor e a tristeza que eram do conto, mas, também, da vida. O porão era o escuro, o lugar em que o sentimento pôde ser sentido pela empatia. A árvore de Natal mexeu com lembranças familiares e perdas de parentes. A presença da palavra *mãe*, no texto, tocou forte os estudantes com problemas familiares. Uma estudante disse, segundo me recordo: - “*A minha mãe não gosta de mim. É igual ter morrido*”. A sua fala diz por muitos estudantes sobre as condições familiares; outro disse: - “*Já passamos muita fome. Eu sei como é ruim*”. Outras frases se apagaram da minha lembrança, mas foram relacionadas à realidade de vida de alguns dos estudantes. As palavras *fome*, *mãe* e *menino* foram as que mais mexeram com a classe. Para mim, a palavra *porão* marcou, porque condensou os sentidos do conto em uma imagem. O contexto de vida dos estudantes dirigia a leitura ao nível de real na sensibilidade estética. A crença em Cristo apareceu, no diálogo dos estudantes, como o elemento de força nas situações difíceis, sem o qual não há como suportar a realidade. Separaram a ideia de Cristo do que é real concreto. Também estudantes em condições diferentes de vida se emocionaram com o conto, porque conseguiram se transportar a ele. No caso dos estudantes que passaram por dificuldades relacionadas ao conto, houve um movimento empático de projeção e reflexo

constante de ir e vir do espaço real ao ficcional; no caso dos que não haviam passado por dificuldades familiares e de sobrevivência, houve uma projeção empática ao espaço da ficção. São movimentos diferentes, porém que ensinam pela vivência narrativa.

### **Devaneios finais: pesquisa e literatura – o que nos move?**

A literatura nos move... Move a pesquisa... Move o trabalho... Move a vida...

É movimento transformador e criativo dos sentidos da realidade.

A literatura é um ensaio que toca, que dança, que potencializa as sensações e significações da realidade, pois faz com que a consciência atente em situações e elementos que, por vezes, passam despercebidos ou sem importância. Aqui foram narradas três histórias de três pesquisadoras: três vidas, das quais a literatura não faz apenas parte, porque é a própria realidade das experiências do dia a dia e da sala de aula.

Uma potência da literatura está em expandir os percursos e experienciar, pela cartografia da imaginação, as experiências do mundo. Da literatura feminina, da poesia marginal e do porão escuro de Dostoiévski, abre-se uma caixa colorida de possibilidades de existir na ficção e na realidade.

Da literatura à vida, muitos movimentos se realizam: das histórias lidas nos livros à reflexão da própria vida. Das geografias femininas. Geografias da palavra.

Neste trabalho, a partir das rotas literárias, foi possível cartografar as experiências de cada uma: da docência na educação básica, da pesquisa nos espaços escolares e não escolares. O que marca, movimenta e afeta, quando refletimos sobre a relevância da literatura em sala de aula? Pode a literatura emancipar, fazer sentido, afetar, transbordar?

A literatura, quando frequente na vida dos professores, pode dialogar com seu discurso interior e, desse diálogo, conversar com a sala de aula, seja nas observações, no método e na didática. É assim que a estética polifônica do ensino / aprendizagem pode se tornar viva enquanto método e prática. As *palavras* da literatura, observadas pelos estudantes e dialogadas, podem ser o direcionamento a novas práticas didáticas.

Que, cada vez mais, rotas de pesquisa e práticas pedagógicas possam ser construídas, exploradas, entrecruzadas e dialogadas. E que, com cada uma dessas rotas, outras possam se entrecruzar e entrelaçar, como um fio que se forma em teias, como um rio que segue seu fluxo, como estradas compostas por rotatórias, curvas e desvios.

Que cada leitor desta trama possa, também, construir as suas rotas e trajetos, lendo, escrevendo, desenhando, enfim, formando a si mesmo e aos outros, transformando realidades.

## Referências

BACOCINA, Eliane Aparecida. **Ler, escrever e compartilhar poesia:** práticas (des) territorializadas, políticas, coletivas. 2017. 201f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista / UNESP, Rio Claro, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** Trad. P. Bezerra. 6. ed., 5. reim. 2020. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2011.

CALVINO, Ítalo. **Palomar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERNANDES OLIVEIRA. **Minhas pegadas na areia.** Praia Grande: Literata, 2011.

FERREIRA, Débora Sara. **Ser ou tornar-se mulher:** por entre a educação de jovens e adultos - EJA, a vida, o narrar e o reinventar de si. 2019. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Unesp, Rio Claro, 2019.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

LAZO, Lara. J. **Literatura clássica e práticas artísticas:** narrativas e estudos de uma professora acerca da formação do leitor adolescente. 2018. 238f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biologia, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

MOLINA, Ludimar Gomes. **Entre pedras e gavetas.** São Vicente: Costelas Felinas, 2011a.

MOLINA, Ludimar Gomes. **Ludicidade.** Praia Grande: Literata, 2011b.

MOLINA, Ludimar Gomes. **Rimas inteiras para todas as quebradas.** Praia Grande: Literata, 2014.

NP. **Poesias de um mundo louco.** Praia Grande: Literata, 2011.

O SONHO dos guerreiros não morre! [compositor e intérprete]: RO3P. CD. Praia Grande: KiHap Produções, 2013. 1 CD (50 min).

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In:* PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia.** Porto Alegre: Sulina, 2020, p. 17-31.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade.** São Paulo: Ubu Editora, 2019.

VOLÓCHINOV, V. “O que é língua/linguagem?”. *In:* **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. S. Grillo e E. V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p.234-265.

### Sobre as autoras

**Débora Sara Ferreira:** Cursa Doutorado em Educação, na Linha de Pesquisa: Linguagem - Experiência - Memória - Formação, pela Unesp - Rio Claro - SP. É Mestre em Educação, pela Unesp - Rio Claro-SP. Licenciada em Pedagogia, pela Unesp- Rio Claro - SP. É professora nas séries iniciais do ensino fundamental I e na modalidade da Educação de Jovens e Adultos-EJA na rede municipal de ensino de Limeira-SP.

*E-mail:* debora.ferreira@unesp.br

**Eliane Aparecida Bacocina:** Doutora em Educação (UNESP / Rio Claro). Mestre em Educação (UNESP / Rio Claro). Licenciada em Pedagogia (UNESP Rio Claro). Professora da área de Educação / Pedagogia no IFSP câmpus Salto, SP – Brasil.

*E-mail:* elianeab3@gmail.com

**Lara Jatkoske Lazo:** Cursa Doutorado em Educação na Linha de Pesquisa: Linguagem - Experiência - Memória - Formação, pela Unesp - Rio Claro - SP. É Mestre em Educação, pela Unesp - Rio Claro-SP. Licenciada em Letras Latim / Português, pela Unesp- Araraquara - SP. É professora de Língua Portuguesa em Rio Claro- SP. É diretora, professora e coreógrafa da academia de dança Centro Intercultural Napyév, na mesma cidade.

*E-mail:* larajlazo@yahoo.com

Recebido em: 01 ago. 2023

Aprovado em: 01 fev. 2024